

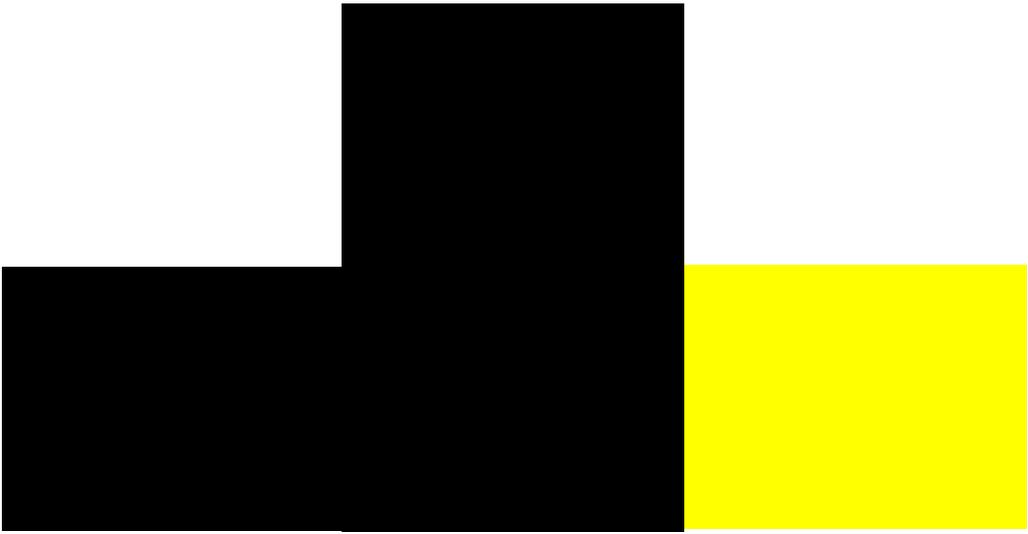
# Levante chileno, apreender o aberto

Millaray Lobos García

*Graduada em Arte Dramática (Universidade do Chile), com estudos no Conservatoire National Supérieur de Paris e em Teoria da Arte. Atriz, diretora e pesquisadora, em 2012 criou a Academia Nomada, um laboratório que combina reflexão filosófica e prática cênica na Europa e no Chile.*

Dario Quiroga

*Sociólogo chileno e consultor de comunicação para causas progressistas.*



No Chile, com o plebiscito de 17 de dezembro de 2023, o processo de mudança da Constituição de 1980 – aprovada fraudulentamente em plena ditadura de Pinochet – foi formalmente encerrado. O país terá que se contentar, pelo menos até nova ordem, com o texto criado por Jaime Guzmán, ideólogo de Pinochet, inspirado tanto pelo franquismo espanhol quanto pela Escola de Chicago, e cuja figura parece antecipar certas extremas-direitas atuais.

O dia 17 de dezembro de 2023 fecha, portanto, o período aberto pelo levante (*el estallido*) de 2019. "O Chile acordou", lia-se nos muros e ouvia-se nas ruas, com uma alegria que parecia selar o ato do despertar ao clarear de um novo dia, de uma nova era, de uma esperança para nossos futuros planetários. "Todo" o Chile, acreditávamos, havia descido às ruas. A crença nesse "todo" estava sem dúvida mais ligada à intensidade do movimento do que à sua *massividade*. As partículas elementares, como sabemos, não têm massa em si mesmas... e, no entanto, existem.

Quatro anos e alguns meses terminaram assim no que poderia ser lido como um retorno ao ponto de partida: ainda acordamos com a mesma constituição (e uma grande fadiga política, além disso). Do ponto de vista mecânico, o movimento evoca efetivamente o de uma revolução. Do ponto de vista das esperanças, nos deixa, no mínimo, a sensação de um paradoxo brutal. No entanto, é conveniente lembrar que os erros nunca devem ser procurados nos fatos, mas na leitura que deles fazemos: "despertar" nem sempre é sinônimo de razão esclarecida, este instante designando antes a borda entre as profundezas opacas de nossos imaginários e sua tradução em narrativa, seu tornar-se história "para nós".

Um despertar aconteceu, com certeza. Despertar do sono dos 30 anos de uma transição que não conseguiu modificar o modelo econômico implementado durante a ditadura, mas também despertar dos sonhos revolucionários adormecidos e cuja potência sacudiu o corpo social e abalou o corpo de cada um(a); despertar das subjetividades que se levantaram com uma força que parecia anunciar o surgimento de uma nova vida

política. Se palavras como revolta, revolução, *estallido* davam o sentido que podiam aos eventos, sua plasticidade lembrava antes o aberto de uma obra que se descobre em seu próprio devir, uma obra que levanta véus deixando aparecer algo selvagem e desconhecido. Se o movimento não iluminava nossos sonhos e nossas noites no sentido clássico, o pensamento que se quer esclarecido tentou imediatamente inscrever sua gestação em concepções e programas que lhe preexistiam.

### "TRINTA PESOS" QUE DESPERTAM "TRINTA ANOS"

A explosão começou com um evento quase insignificante: o aumento de 30 pesos (cerca de 0,02 euros) na tarifa do metrô. A medida aparentemente inofensiva gerou uma onda de protestos de estudantes do ensino médio que, após algumas semanas, levou à explosão social que fez tremer o Chile. A sociedade "se levantava".

Embora "30 pesos" valham muito pouco em si (o equivalente ao preço de um refrigerante), eles adquiriram uma grande pertinência simbólica quando, sem sofisticação publicitária, grafites e memes os transformaram em "Não são 30 pesos, são 30 anos", em alusão à decepção dos anos de transição incapazes de transformar o modelo distributivo. A inventividade do novo *slogan* catalisava assim um mal-estar coletivo e criava uma mobilização intergeracional, reunindo os decepcionados dos 30 anos de transição democrática, bem como as novas gerações mais iconoclastas e despreocupadas, desejosas de também atravessar potências coletivas. Como nos sonhos, as pequenas faíscas perceptivas da vigília reconfiguravam nossos futuros despertares.

Em um *crescendo* diário, os estudantes do ensino médio se organizavam e transformavam o gesto inicial em uma reivindicação existencial maior. A descoberta de uma possibilidade de "nós" nos colocarmos em movimento, de nos sentirmos-fazendo-juntos, de experimentarmos coletivamente uma abertura no presente, lembra de fato a energia de um "despertar": o salto das catracas no metrô, a ocupação das estações, os *sit-ins* nas bordas das plataformas e os confrontos com os agentes de segurança como tantas

marcas de um sonho exaltante. O aumento da tarifa, aliás, não teria afetado o "preço estudantil", detalhe que reforça a sensação de um movimento mágico e misterioso.

Mágico porque, em uma sociedade de valores individualistas marcados, onde o neoliberalismo implicou uma maneira clientelista de compreender as relações sociais e ecossistêmicas, foi a juventude educada nesse contexto que soube levantar uma árvore de esperança em torno de uma experiência comum. Essa experiência também teve a capacidade de liberar a sensação difusa e insidiosa de um abuso generalizado e normalizado, inclusive pelos governos socialdemocratas com forte herança neoliberal, despertada por esses jovens para quem as experiências socialistas eram apenas sonhos de um passado distante. Ressurgimento e emergência, portanto, de imaginários revolucionários que dormiam em nós e que se tornavam curiosos a essas formas do passado.

Misteriosa porque, diante de uma medida econômica tão ínfima, a revolta permanece sempre enigmática. Nenhum protesto contra outras políticas econômicas mais significativas havia desencadeado um processo tão massivo e radical. As ferramentas teóricas das ciências sociais parecem insuficientes para apreender essa granularidade fina de mudanças ínfimos e invisíveis cuja mecânica interna nos é inacessível. No Chile em particular, o elemento desencadeador de uma explosão dessa magnitude só poderia ser minúsculo, anedótico, furtivo. Resultado nem de um processo de luta cumulativa, nem de um programa estratégico de reivindicações, o primeiro salto de catraca foi antes a expressão quase festiva de um mal-estar ultraliberal. Um paradoxo a mais nesta terra que não cessa de se dividir entre a melancolia dos dragões adormecidos e o despertar enérgico dos fogos que os habitam.

Esse mal-estar doía em toda parte e em lugar nenhum, como um fogo impreciso que teria percorrido silenciosa e poderosamente os corpos. Doença imaginária ou do próprio imaginário, sua manifestação parecia ter sintomas absurdos. O que os estudantes do ensino médio fizeram nesse salto das catracas e nos sobressaltos e levantes que se

seguiram foi como despertar um paciente não diagnosticado que, de repente, se encontra em cuidados intensivos com uma falência multissistêmica. Um doente que, por sua vez, levantava camadas enterradas do corpo social: os povos indígenas que se juntaram às ruas, os animais que acompanhavam os manifestantes, as mulheres e filhas dos desaparecidos que levantavam seus cantos e suas danças. A cura, como o despertar, fazia apelo às memórias não conscientes e a uma nova curiosidade por um fenômeno que nos questionava: Os 30 anos de governos "conciliadores" haviam sido, então, um agente de contenção da vida política? É possível, pois foi a aparição de Piñera, então presidente, que libertou a energia política encapsulada em nossos sonhos, energia ardente do mal-estar gerado pela produção de uma subjetividade neoliberal.

### **DESPERTAR DE UM MAL-ESTAR INTRADUZÍVEL**

O "mal-estar" apresenta, sem dúvida, um desafio às análises. Nos últimos quatro anos, falou-se e escreveu-se sobre a revolta usando categorias politicamente aceitáveis. Destacaram-se, sem muita crença, os aspectos que permitem tornar o fenômeno racional e historicamente coerente, ao mesmo tempo em que se nuançavam os aspectos menos apreensíveis (o gesto de pular, a efusão dos corpos semi-nus ou as hibridações estéticas durante as manifestações). Essas análises se adaptaram assim, tanto quanto possível, para chegar a conclusões úteis a este ou aquele setor político, a este ou aquele raciocínio lógico preexistente. As leituras e interpretações do que o levante mostrava se multiplicaram, mas as que mais circularam não eram as mais sutis, o potencial de inteligência comum se esgotava nos debates mais midiáticos. O que emergia à superfície resultava, na melhor das hipóteses, em uma miopia deformadora bem-intencionada, na pior, em uma certa desonestidade estratégica. Do lado das esquerdas e inteligências progressistas, a tendência a transformar o que era uma "manifestação", uma aparição, portanto, em "programa", era recorrente, evidenciando um voluntarismo que, em vez de ver os sonhos dos dorminhocos e dorminhocas anônimos, via antes a realização de suas próprias fantasias ideológicas. As histórias das revoluções do século passado são certamente determinantes na reflexão sobre a transformação social, mas constroem um imaginário um tanto

fantasioso segundo o qual passaríamos do poder oligárquico ao triunfo do povo. Seguindo esse raciocínio esquemático, a explosão social teria sido o resultado da irrupção de um povo que dormia e que, de repente acordado, exigia mudanças estruturais. Mas se por um lado a direita pensou que o surto era de esquerda e o criminalizou sem entendê-lo, por outro a esquerda militante tampouco parece ter entendido muito bem: ela também pensou que se tratava de um surto de esquerda e, conseqüentemente, o confinou aos seus pressupostos, supondo, por exemplo, que a maioria do país apoiaria todas as agendas do primeiro processo constituinte. A tendência a transformar o levante em "programa" (revolucionário) não quis ver que o surto social era tão poderoso quanto confuso. Após a frustração dos sonhos e manifestações que acompanharam o segundo governo de Michelle Bachelet, agora era uma raiva opaca que se manifestava. Enquanto o presidente Piñera comia uma pizza em um bairro chique, a noite de 18 de outubro de 2019 despertava zumbis entusiastas, cada um pintando seu próprio cartaz e tirando selfies para inundar as redes sociais com as proclamações mais variadas - "não comamos animais", "morte ao patriarcado", "isso não é depressão, mas neoliberalismo". Com uma força poética inaudita, as mobilizações queriam mudar tudo sem definir como. Os líderes não eram mais ouvidos e, desorientados, acreditavam encontrar na Constituição uma figura sacrificial à altura da ferida.

O Chile começou assim um processo constituinte sem perceber que o humor da época era principalmente destituente e que algo anti-totêmico havia se levantado: tudo o que se erguia, representativo ou não de nossas aspirações, parecia dever ser destruído. Uma vez eleito, Gabriel Boric seria rapidamente acusado de excessos ideológicos pelas direitas e imediatamente de excessiva tibieza pelas esquerdas (ambos concordando em encontrar em seu registro uma prova de sua inconsistência). Sua diplomacia espontânea estava fora de lugar na atmosfera destituente, e a ideia de revoluções como freios às catástrofes (como um « kathecon ») em vez de locomotivas aceleradoras parecia e ainda parece inaudível. Pior, este período político a priori favorável à esquerda foi marcado pela pandemia e os imaginários de morte e precariedade que ela produziu. Os eleitos da

assembleia foram rapidamente sitiados pela mídia e minados em meio a um ambiente social confinado e saturado de informações – reais e/ou deformadas. Do lado das análises das direitas, a crítica frequentemente recorria ao espantinho do comunismo e até às conspirações do k-pop coreano. Entre negacionismos de um lado, pretensões teóricas de outro e totens derrubados de todos os lados, o bom senso parecia desaparecer. A potência transformadora do levante havia tomado ares dionisíacos pouco atribuíveis, e isso provavelmente anunciava tempos incertos que nos pedem mais acuidade e modéstia. Sobre essas auras de incerteza, detenhamo-nos em alguns pontos refratários às análises convencionais:

**O incêndio do metrô:** A destruição desse fetiche da modernização chilena é um gesto particular, uma transgressão que se volta contra os próprios transgressores. Devastadora (os danos deixaram muitas estações inutilizáveis), essa ação também opera no plano simbólico, pois o metrô não responde ao estereótipo capitalista chileno como são os "malls" ou centros comerciais, as rodovias privadas ou os prédios de escritórios de "Sanhattan" (bairro financeiro de Santiago). O que foi queimado é, ao contrário, um espaço percebido como um bem "público" que, além de economizar tempo, representa um dos raros "lugares comuns" de uma capital violentamente segregada. Nos setores populares, esses incêndios foram assim sentidos como a raiva autodestrutiva de quem, diante de uma situação dolorosa, acaba batendo a cabeça contra uma parede.

**A sociedade chilena entre divã e calçadas:** as bandeiras dos povos indígenas, concertos improvisados, venda de sanduíches, pinturas gratuitas nos rostos, capuzes com orelhas de coelho ou gato, partidas de futebol no meio da rua, cães vadios, danças variadas se espalhavam nas marchas. Longe dos divãs analíticos e mais perto das calçadas, as reações aos fatos desconcertavam: diante das câmeras em busca da indignação pública lucrativa para a audiência, a maioria dos entrevistados, em vez de condenar os autores das violências, olhava perplexa para o(a) jornalista, perguntando, por sua vez, por que não apontavam seus holofotes para as desigualdades vergonhosas, a segregação territorial ou os abusos sistêmicos e sistemáticos.

**Saques massivos:** Em uma sociedade que durante mais de 40 anos glorificou o consumo, o momento parecia ter chegado de se servir diretamente de toda sorte de produtos inúteis. Esse gesto foi para muitos plenamente assumido como uma compensação pelo imenso descompasso entre a expectativa de consumo e a realidade. Despertar dionisíaco para alguns, pesadelo profético para outros, víamos de um lado centenas de saques com vários milhares de pessoas participando de uma espécie de rito durkheimiano (e vários milhares de outros assistindo, divertidos, os eletrodomésticos chegando para alimentar as fogueiras das barricadas) e, de outro, alguns vizinhos dos bairros mais abastados, vestidos de coletes amarelos, criando grupos de autodefesa improvisados, supondo que a próxima etapa desses ajuntamentos e manifestações anárquicas seria o saque de seus bairros. Essas duas perspectivas do levante (ou do despertar) dão um vislumbre tanto do medo atávico da sociedade chilena de ser despojada do que "me pertence" quanto do gosto inconfessável por assistir à decadência total do regime neoliberal. Entre a esperança e o medo (este tão coletado quanto produzido pelas propagandas midiáticas), como agora sabemos, as elites políticas agiram para dar à luz, em tempo recorde, a um acordo sobre a necessidade de revisar a Constituição de Pinochet. Pensavam ter encontrado uma chave eficaz para destravar fechaduras, exceto que, como quando um véu se levanta misteriosamente, ninguém sabia o que haveria do outro lado das superfícies desconstituídas.

**Uma massa heterogênea:** Sem ser tão massiva quanto acreditávamos, a explosão havia criado, entre suas belezas, uma massificação intergeracional sem precedentes: antigos e jovens reunidos por suas esperanças e suas nostalgias em uma transversalidade de emoções que propulsou a contaminação. Era ilegal, anárquico, às vezes violento, mas era também uma diagonal traçada por cima dos diagramas quadrados de nossas programações. "A maior marcha da história" (na verdade, uma multiplicidade de expressões de rua) nasceu apenas uma semana após o início do levante, revelando que uma parte importante dos cidadãos compartilhava a sensação de que a sociedade chilena tinha um problema estrutural e que as soluções não residiam em medidas contingentes.

Não havia diagnóstico, muito menos solução, mas havia um mal-estar que se tornara incontornável, e a sociedade chilena o expressava de múltiplas formas, como um corpo que acorda no meio de uma noite febril. Longe da unidade estética das revoluções com seus cartazes e palavras de ordem, havia aqui uma "desordem" comum e uma série de assemblages dificilmente comparáveis a um projeto. A fragmentação das demandas criava uma formidável eclosão estética desse comum sem, no entanto, conseguir apreender a forma política que poderia reorganizar as coordenadas do mundo do qual havia nascido. Era como um quadro que arrisca em um toque tanto o cumprimento de uma forma quanto sua perda total. O descontentamento e o despertar sensível que experimentávamos se escrevia por toda parte nos muros sem que ninguém tivesse o abecedário para lê-lo. Nessa saturação dos muros, a política revelava sua relativa impotência.

### A NÃO-MEDIAÇÃO

O levante deixava assim aparecer a nudez desse fenômeno constatado um pouco por toda parte: a reivindicação sem mediação. Homens e mulheres ávidos de direitos exigiam o acesso a tantas coisas justas para uma vida melhor: saúde, educação, acesso à cultura, consciência ecológica, cuidado com os vulneráveis, dignidade enfim. Reivindicava-se tudo, desde uma abstrata "fim do patriarcado" até os direitos dos consumidores, os movimentos ecológicos locais, as sociedades animalistas e os membros de clubes esportivos. Essa proliferação de demandas por direitos vislumbrados talvez tenha se elevado tão alto, com tamanha potência de aparição, que tornou invisível a nudez central que, no entanto, revelava: a grosseira injustiça distributiva. E se o desejo de novas maneiras de compartilhar era sem dúvida um motor do despertar, ele não conseguia se articular como prioritário. O que se exigia nas ruas tomava uma forma tribal, tão sedutora quanto intraduzível, talvez a forma direta dos sonhos. Por seu anúncio de um fim da política tal como a conhecemos, essa ausência de mediação levava tanto a inovações formais, portanto, de esperanças, quanto aos desesperos.

No ruído da ação, as imagens que nos restam das marchas são as de milhares de pessoas atrás de bandeira alguma porque não há bandeiras e onde ninguém escuta líder algum porque não há líderes. Eles haviam entendido, na época, pelo menos, que faziam parte do problema. Sem líder, portanto, sem programa, mas com uma vontade de viver em comum algo inédito, de re-habitar as ruas, de festejar nelas, de comer juntos, de abrir tantos microfones apagados.

O Chile acordou, diziam. O véu que cobria sua forma e sua respiração comum havia sido levantado, nosso corpo social aparecia assim sob uma nova luz. Mas talvez tenhamos falhado em ver nesse despertar sua própria maneira de aparecer noturna, fugaz, poética. Alguns acreditaram reconhecer ali um sentido prefigurado, como se as fabulações das ruas fossem apenas metáforas selvagens e enigmáticas do já concebido. Esse despertar parece, no entanto, ter sido o dos adormecidos e adormecidas com esperanças liminares e ainda abertas.

### NOITES INESGOTÁVEIS

A produção dos imaginários continua seu trabalho em nós. Os surgimentos estéticos que pareciam anunciar sua conversão política provavelmente ainda não eram traduzíveis: os saques, os incêndios, as marchas eram formas políticas vulneráveis e refratárias às articulações convenientes, mas para que "o medo não prevaleça sobre a esperança", talvez seja necessário aceitar que as aberturas da história – como os despertares – raramente coincidem com nossas expectativas, aceitar também o desafio de nomear o político de outra forma que não pelos campos que o dilaceram. Além das divisões absurdas dos representantes enclausurados em suas lutas de bastidores, aquelas entre militantes ou não militantes progressistas, entre aqueles que têm ou não uma experiência direta das discriminações, entre aqueles em posição de reivindicar direitos e aqueles que não têm nem tempo de conceber um discurso a esse respeito, aqueles que tentam uma apreensão reflexiva e aqueles que apenas descobrem maneiras de sentir e manifestar o que nos acontece, às vezes nos dividimos exatamente onde aspirávamos a

compartilhar nossas imaginações. Que tenhamos um horizonte revolucionário ou que sejamos apenas tomados por revoltas, o desvelamento das formas faz aparecer quimeras e enigmas, mas também nos oferece oportunidades de organização sóbria, com menos aquecimento interpretativo pela definição de tal ou tal campo de batalha. Concordar com um pouco de silêncio retórico, reduzir a parte de voluntarismo em nossas leituras do que acontece já seria um primeiro passo.

Ouvir, ainda e ainda, a poesia do vento que levanta os véus, levantar-se, observar os horizontes que eles descobrem sem forçar o advento do que esperávamos ver chegar, mas mantendo uma curiosidade incondicional, mesmo que passemos pelo maior desconforto intelectual. Isso pode dar à luz não apenas um despertar ou um sonho, mas uma verdadeira revolução, eis uma das questões que a história recente do Chile coloca.